



KODÁLY, BARTÓK, STRAUSS

Anderszewski (p), Bartikian (vcl), Zinman (d), Orquestra Gulbenkian

Gulbenkian, Lisboa, dia 12

Que maravilha ouvir metade de um concerto preenchida com música de Zoltán Kodály (1882-1967) e Béla Bartók (1881-1945), os dois grandes expoentes da música (e tradição) húngara na primeira metade do século XX! Do primeiro, ouviram-se as “Danças de Galánta” (1933), de certo modo uma continuação das “Danças de Marosszék” (1930). Uma obra para orquestra de cordas (predomínio dos violoncelos) com intervenções importantes do clarinete, flauta e piccolo, trompas, etc., tão fresca hoje como na estreia. Música de origem cigana, alegre, às vezes arrebatadora, mas também jocosamente marcial, que simetricamente termina como começou (intervenções sucessivas dos violoncelos e dos sopros). Aposto que o atual primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, empenhado em substituir a tradição romani pela medieval, não aprova esta música... Seguiu-se o fabuloso e original “Concerto para piano e orquestra nº 3”, em Mi maior (1946), de Bartók, pelas mãos do prodigioso Piotr Anderszewski, que arrebatou o público. (Incompleto à data da morte do compositor, foi Tibor Serly quem terminou a orquestração dos 17 últimos compassos.) O 2º andamento, Adagio religioso, é um bom exemplo da ‘música nocturna’ de Bartók, com um “tema hipersensível e indizivelmente melancólico” (nas palavras de Milan Kundera), mas o compositor despediu-se da música com o Allegro vivace do 3º, pleno de vitalidade e alegria. Em extra, Anderszewski ainda nos brindou com a “Bagatelle Op. 126:1” de Beethoven. A boa notícia é que o pianista regressa em dezembro (recital com Webern e Beethoven) e em fevereiro de 2019 (como maestro e solista em concertos de Mozart e Beethoven). A segunda parte foi dedicada ao “Dom Quixote” (1898) de Richard Strauss (1864-1949), um poema sinfónico organizado em termos de “dez variações fantásticas sobre um tema de carácter cavalheiresco”, onde o violoncelo (Quixote) e a viola (Sancho Pança) desempenham funções fundamentais. Os excelentes solistas foram dois distintos membros da Orquestra Gulbenkian, o violoncelista Varoujan Bartikian (que simulou bem a morte de Quixote) e o violetista Lu Zheng. Resta elogiar o trabalho do maestro David Zinman, o grande obreiro da Orquestra do Tonhalle de Zurique (da qual é hoje maestro emérito). / JORGE CALADO